

A Importância dos Estudos Europeus na Academia Portuguesa

Carlos Castilho Pais

Universidade Aberta

Resumo

Comunicação proferida no dia da Europa, a convite da Associação Portuguesa de Estudos Europeus. Partindo de uma 'ideia' de universidade, interroga-se a noção de 'Estudos Europeus' e referem-se alguns cursos oferecidos pelo ensino superior português, com este nome ou nome similar. Advoga-se que seja dado maior destaque, nesses cursos, maior desenvolvimento à componente de 'cultura portuguesa' nos seus planos de estudo.

Palavras-chave: Ensino superior; Estudos Europeus.

Abstract

Communication presented on Europe's Day 2018, at the invitation of the Portuguese Association of European Studies. Starting from an 'idea' of university, the notion of 'European Studies' is questioned and some courses offered by Portuguese Higher Education, with this name or similar name, are referred to. It is advocated that greater emphasis is placed on these courses, greater development of the 'Portuguese culture' component in their study plans.

Keywords: Higher education; European Studies.

Não é a primeira vez e não será a última que venho a esta casa, mas desta vez venho a convite da *Associação Portuguesa de Estudos Europeus*, a quem agradeço na pessoa do amigo Pedro Camacho.

Alguém referirá melhor do que eu a dinâmica, as dificuldades e o resto da Associação, mas imagino que não seja fácil. Por isso, permitam-me que, em primeiro lugar, deixe aqui uma palavra de incentivo aos seus dirigentes e aos seus membros. Este encontro deve-se à saída de um novo número da revista da Associação (*Análise Europeia*) e acontece por ocasião das comemorações do dia da Europa, que, entre nós, o mínimo que se pode dizer é que elas são discretas.

Devia aqui falar unicamente dos Estudos Europeus na Universidade Aberta. De facto, há cerca de uma década que o curso de licenciatura em Estudos Europeus e o mestrado em Estudos sobre a Europa existem na Universidade Aberta. Mas propuseram-me que alargasse um pouco mais a minha perspetiva, o que se traduziu por um título que, a bem observar, pode colocar algumas interrogações: A Importância dos Estudos Europeus na Academia Portuguesa. Tomando por 'Academia Portuguesa' o conjunto das universidades portuguesas, facilmente chegaremos à conclusão de que a importância dos Estudos Europeus, tendo em conta os cursos que aí se administram, é muito baixa, o que é de fácil constatação por qualquer pesquisa na Internet que façamos. Porém, também poderíamos tomar a 'Academia' em sentido restrito, e, nesse caso, ela seria a 'Academia dos Estudos Europeus', à semelhança da 'Academia Portuguesa da História' ou à 'Academia de Ciências de Lisboa'. Mesmo não existindo, nem local, objeto ou objetos de estudos, estatutos e sócios, neste caso, eu teria de referir, estudos publicados e aí, sim, eu teria de descrever a sua importância para o 'conhecimento', o 'saber' sobre a Europa. Como, por certo, concordam, tirando honrosas exceções, não iria muito longe, embora, a talhe de foice, devesse referir as obras publicadas pela Universidade Aberta de apoio aos seus cursos de licenciatura e de mestrado, bem como os trabalhos desenvolvidos pelos alunos dos mestrados que existem e existiram, mas que nunca foram publicados, e são, por conseguinte, de alcance muito modesto.

Esclarecida a importância dos Estudos Europeus na Academia Portuguesa, nos dois sentidos que acabo de descrever, resta-me propor-vos refletir sobre como seria importante que as universidades portuguesas (públicas, pois é só delas que me ocupo, aqui) introduzissem os Estudos Europeus nas suas

ofertas formativas. Desenvolverei a minha proposta de reflexão em torno de dois polos principais: a universidade, a sua missão, a sua ligação à sociedade, por um lado e, por outro lado, os Estudos Europeus, o que é que se entende por 'Estudos Europeus', que matérias compõem os cursos com este nome.

A universidade

No tempo de que disponho, é impossível falar da universidade com a profundidade desejada. Ela é como a Europa – está sempre em crise. Mas pode exigir-se-lhe que ela cumpra a sua missão que, como sabem, possui duas vertentes, de ensino e de investigação. Também nestas vertentes, ela deve demonstrar o seu enraizamento social. Pomos de lado o facto da conjugação perfeita ou imperfeita destas duas vertentes, mas o certo é que a universidade encontra nesta missão a sua identidade social. É das suas matérias lecionadas e investigadas, dos seus ramos de estudo, que chegam à sociedade, através das mais variadas publicações, as suas análises, os seus modos de encarar os temas tratados, quer em termos de divulgação para o grande público, quer em termos de divulgação aprofundada, geralmente dirigida a um público de especialistas.

Deve exigir-se à universidade que trate todas as suas disciplinas, todos os seus ramos de estudo, de igual forma. Os Estudos Europeus podem apresentar à universidade essa exigência. Enquanto disciplina universitária como qualquer outra, os Estudos Europeus beneficiariam de um fator formativo e de um fator de investigação que só a universidade lhes pode dar. É razoável esperar que, pela sua entrada na universidade, os Estudos Europeus possuam, também entre nós, uma bibliografia portuguesa, atualmente muito escassa e, na maior parte dos casos, de origem não universitária. E os Estudos Europeus já entraram na universidade. Importa agora que mais instituições de Ensino Superior sigam os passos das outras, onde os Estudos Europeus já existem.

Os Estudos Europeus

Qualquer curso universitário (de 1.º, 2.º ou 3.º ciclos) possui um plano de estudos, de dois a três anos de lecionação. Os planos de estudo dos cursos

existentes (cursos do 1.º ciclo, que são os que estão aqui em análise) apresentam variações, como seria de esperar, em função dos ramos de estudo lecionados nas universidades e, até, em função das características dos seus corpos docentes. Com maior enfoque no ensino de línguas estrangeiras, ou em história e políticas da União Europeia, em alguns casos, os planos tratam da história, da cultura, da sociedade, da economia da Europa enquanto Continente, o que se compreende que assim seja em cursos do 1.º ciclo, ditos de 'banda larga'.

No aspeto formativo, a importância destes planos de estudo é evidente. Importa formar cidadãos europeus (para a União Europeia), conhecedores de uma história, da diversidade sociocultural dos seus estados ou nações, das etapas fundamentais do nascimento e do desenvolvimento da União Europeia, conhecedores, pelo menos, de uma língua estrangeira para que mais facilmente possam comunicar com outros cidadãos da comunidade, etc.

Membro da União Europeia, em Portugal (e nos restantes países da União também devia ser assim) estes cursos fazem todo o sentido. Conceder-se-lhes a importância que merecem não será pedir muito. E, por isso, é importante o nosso debate de hoje. Para terminar, permitam-me que aponte um aspeto por onde os planos de estudo que acabo de referir deveriam apresentar maior desenvolvimento. Estou a pensar na cultura portuguesa. Vasco da Gama, Luís de Camões, Afonso de Albuquerque, sim, mas deles não de ocupar-se os cursos idênticos das universidades dos outros países. Como dizia Miguel Torga, «esses são os talefes irremediáveis da geodesia social, os marcos brancos de que a história necessita para quadricular um povo». Se a União da Europa deve realizar-se com a diversidade dos seus povos, não podemos de ser nós os primeiros a esquecer os nossos traços característicos. Comungamos de uma identidade europeia, também tivemos por cá os romanos, também se estudaram nos nossos conventos e universidades medievais os clássicos gregos, também o cristianismo nos inculcou modos de ser e viver e também sofremos as agruras do fascismo do século XX; e, mesmo assim, somos um povo diferente. E essa diferença devemos ser nós a dizê-la. O estrangeiro pode constatar que se come «Açorda no Sul, chanfana

no Centro, dobrada no Norte», mas só nós sentimos verdadeiramente o 'porquê' de um uso e costume enquanto povo.

Nesta direção deveria caminhar a cultura portuguesa dos planos de estudos; não sei se Torga continua a ter razão quando dizia que «Portugal é uma presença inconfundível na crónica do mundo». Talvez seja, mas por causa do Ronaldo, de Fátima ou da Eurovisão...Mas Torga continua a ter razão quando diz: a nossa «intervenção raramente se realiza através dos notáveis portugueses de que a história universal, de resto, mal regista os nomes. É feita por intermédio dum povo inteiro, estoico, e despretensioso, colmeia que ninguém quer ver no seu afã ordeiro e sagrado. Povo que é dos mais pobres da terra, e a quem a terra deve parte do seu tamanho e muita da sua significação».